



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## A POLÍTICA DO SILÊNCIO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO AUTOR NOAM CHOMSKY

Júlio Antonio Bonatti Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Tem-se como objetivo no presente trabalho analisar a relação entre *o dito* e *o silenciado* na construção da dupla imagem do autor Noam Chomsky. Ancorado nos pressupostos estabelecidos por Eni Orlandi sobre “as formas do silêncio”, tenciona-se mostrar como imagens distintas são construídas para apresentar determinado autor Noam Chomsky mediante o apagamento de certos sentidos indesejados, conforme o campo em que se inscreve o texto.

**Palavras-chave:** Noam Chomsky; imagens de autor; formas do silêncio.

**Abstract:** This work aims to analyze the relationship between “o dito” and “o silenciado” in the construction of the author Noam Chomsky’s dual image. Based on the concepts of Eni Orlandi about “the forms of silence”, we intend to show how distinct images are constructed to present determinate author Noam Chomsky by muting unwanted meanings, according the field of the text.

**Keywords:** Noam Chomsky; author images; forms of silence.

### **Introdução: a política do silêncio**

O discurso é fruto de um processo onde operam tanto o silêncio como a fala. Tão importante quanto o que se diz é o que se silencia: o não-dito é carregado de sentido e estabelece uma disputa com o que se escolheu dizer. Ou seja, as possibilidades de calar é que balizam a escolha do que é dito.

Mas o silêncio não fala: ele significa. O silêncio não é a não-linguagem, não está em um lugar de negação, de ausência, posto que há uma relação fundamental entre o dizer e o não dizer: há uma positividade no silêncio. Assim, o funcionamento do silêncio interfere na própria consistência do dito. Daí temos que o silêncio não é o não-dito, mas sim o dito é o não-silenciado.

---

<sup>1</sup> Júlio Antonio Bonatti Santos é doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

[...] em nossa reflexão, o silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem significância própria. E quando dizemos fundador estamos afirmando esse seu caráter necessário e próprio. Fundador não significa aqui “originário”, nem o lugar do sentido absoluto. Nem tampouco que haveria, no silêncio, um sentido independente, auto-suficiente, preexistente. Significa que o silêncio é garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. (ORLANDI, 2007, p. 23)

Todavia, ao mesmo tempo em que o silêncio funda a linguagem, os paradigmas formais não servem para compreender seu significado no discurso: não há uma gramática ou uma sintaxe do silêncio. Além de fundante, o silêncio compreende aquilo que Orlandi (2007) chama de “política do silêncio”, que assume duas formas: o silêncio constitutivo e o local.

Essa política do silêncio estabelece a relação entre o dito e o silenciado: ao dizer, silencia-se; mas tudo aquilo que é silenciado também é dito. “Com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007, p. 73). Ou seja, ao dizer “x”, conseqüentemente apago a possibilidade de dizer “y”.

O silêncio funciona como uma restrição dos espaços de circulação dos sentidos, e é de acordo com as formas do silêncio que se determina dizer somente o que é permitido. “Essa tensa relação entre a palavra e o silêncio dá-se aqui a partir das condições sócio-históricas, em que a historicidade faz falar a legitimidade de certos sentidos em detrimento de outros.” (SOUSA, 2015, p. 30).

Aquilo que não se diz se relaciona diretamente com o dizer, pois demarca um campo do que não se pode dizer: que há uma política do silêncio e certos sentidos não podem circular em determinados espaços. Dessa forma, cria-se um modo de dizer próprio de sujeitos que lidam com a escolha de significados autorizados e não autorizados.

Um sentido indesejado, não legitimado em determinado campo, não deve ser dito, ou seja, é impedido de circular. A partir disso, vemos como há uma disputa de imagens no que se refere ao linguista e ativista político estadunidense Noam Chomsky, conforme se estabelece uma política do silêncio principalmente identificada nos paratextos de seus livros, como prefácios, introduções e excertos biográficos. De acordo com o campo em que se insere seu texto, há uma política do silêncio específica que conduz à escolha de uma face do “duplo Chomsky” em detrimento de outra.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Com isso, podemos pensar como são mobilizados certos sentidos que envolvem a imagem de Noam Chomsky em diversos meios de circulação. Interessa-nos aqui abordar alguns exemplos textuais de e sobre Chomsky mostrando como a política do silêncio funciona no apagamento de certa imagem desse autor ou no foco maior sobre uma área restrita de seus trabalhos e sua vida.

Um dos exemplos que trataremos aqui é o livro *The Essential Chomsky*, organizado em 2008 pelo escritor e documentarista Anthony Arnone. Esta é uma obra interessante para a presente análise pois, além de reunir textos de ambas as áreas de atuação do escritor Chomsky, da linguística e da política, ela faz emergir um *ethos* editorial que é importante para se entender o papel do silêncio na construção de determinada imagem de autor. *The Essential Chomsky* é parte de uma coleção maior da editora nova-iorquina *The New Press*, intitulada *The New Press Essential Series*, na qual figuram diversas compilações de textos “essenciais” de autores famosos do século XX, como *The Essential Foucault*, *The Essential Gunnar Myrdal*, *The Essential E. P. Thompson*, *The Essential Wallerstein*, dentre outros.

Como a editora *The New Press* organizou outros livros com o mesmo propósito de dar uma visão panorâmica da obra de autores importantes das ciências humanas de nosso tempo, não caberia a Anthony Arnone, embora não tendo relação prévia com estudos em linguística, olvidar por completo a produção bibliográfica de Chomsky em outras áreas que não a política. Todavia, o silêncio que se faz da importância das pesquisas de Chomsky na linguística revela um compromisso com um campo, uma necessidade de legitimar a obra em determinado espaço de circulação a que a editora *The New Press* se propõe, qual seja, a do debate intelectual sobre política.

Dos vinte e cinco capítulos do livro *The Essential Chomsky*, apenas oito tratam especificamente dos trabalhos linguísticos de Chomsky<sup>2</sup>. Cabe notar, por exemplo, que o capítulo sexto (*Language and Freedom*), não se trata de um texto típico dos estudos de linguística, pois submete a linguagem a um problema político e um meio para a construção da liberdade humana.

---

<sup>2</sup> Os capítulos que abordam os trabalhos de linguística de Chomsky no livro *The Essential Chomsky* são: 1. A Review of B. F. Skinner’s *Verbal Behavior*; 2. Preface from *Aspects of the Theory of Syntax*; 3. *Methodological preliminaries*; 6. *Language and Freedom*; 15. *The View Beyond: Prospects for the Study of Mind*; 17. *Introduction from The Minimalist Program*; 18. *New Horizons in the Study of Language and Mind* e 22. *Language and the Brain*.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Podemos dizer com isso que é possível falar em um apagamento do *Chomsky linguista*? Na verdade, o fato de se compilar escritos de Chomsky para formar uma obra intitulada “*the essential*”, figurando entre outras com o mesmo propósito de abordar grandes autores, e dar primazia aos seus escritos políticos em detrimento dos escritos linguísticos, isso constitui uma política do silêncio. Se fizermos uma divisão quantitativa do *The Essential Chomsky*, vemos que o livro compreende um total de quinhentas páginas e os capítulos que tratam da “face essencial” do linguista compreendem pouco mais de cem páginas, ou seja, menos de um quarto da obra.

Esse lugar que os escritos ligados à linguística de Chomsky ocupam em um livro como tal fica claro de se entender na medida em que analisamos o prefácio do seu organizador, Anthony Arnove, um dos editores da *International Socialist Review*, e documentarista com trabalhos na trincheira do anti-imperialismo. As escolhas dele como organizador e prefaciador do livro *The Essential Chomsky* passaram, portanto, necessariamente pelo crivo da relevância política: escolher os textos que mais bem ilustram o cerne do ativismo político de Chomsky, elencando por mera obrigação alguns textos de linguística para compor o corpo do livro.

Arnove inicia o prefácio deixando claro a posição que ocupam os textos de linguística de Chomsky: “From his early essays in the liberal intellectual journal, the *New York Review of Books*, to his most recent books, *Hegemony or Survival*, *Failed States*, and *Interventions*, Noam Chomsky has produced a singular body of political criticism”(CHOMSKY, 2008, p. vii, grifo nosso). Isso mostra que a imagem do *Chomsky essencial* que se pretende criar não é o escritor de *Syntactic Structures* ou de *Aspects of the Theory of Syntax*, ou seja, não é o Noam Chomsky professor do departamento de linguística do Massachusetts Institut of Technology, mas o autor de livros como *The American Power and The New Mandarins* e *For Reasons of State*: o ativista político.

Essa forma de silêncio funciona para minimizar a importância do Chomsky linguista. Para o autor do prefácio de *The Essential Chomsky*, dos inúmeros textos publicados por Chomsky em meados da década de 1950 os únicos que ganharam menção são os destacados nas revistas de cunho político:

While Chomsky, who joined the faculty of the Massachusetts Institute of Technology in 1955 at the age of twenty-six, received tremendous early recognition



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

for his linguistic work, he began to make a wider political mark when he started writing long, detailed essays denouncing the war and the role of mainstream intellectuals who supported it for the *New York Review of Books* and then for left journals such as *Liberation*, *Ramparts*, *New Politics*, and *Socialist Revolution* (later *Socialist Review*). (CHOMSKY, 2008, p. viii, grifo nosso).

Da leitura do prefácio de Arnove, depreende-se que a tarefa cotidiana do Chomsky linguista, pesquisador e professor do M.I.T. é um *while*, um “enquanto”, ou melhor, uma atividade de somenos importância em face dos seus trabalhos políticos: “Since 1969, Chomsky has produced a series of books on U.S. foreign policy in Asia, Latin America, and the Middle East, all while maintaining his commitments to linguistics research, philosophy, and to teaching” (CHOMSKY, 2008, p. vii, grifo nosso).

Ao dizer que Chomsky atuava politicamente *enquanto* trabalhava como linguista é dizer que não há uma atuação dele como linguista – dizendo em outras palavras: esta não constituía uma atividade fim. Tem-se a ideia de um desnível entre as funções: atuar na política, escrever artigos e participar de movimentos políticos; e atuar na teoria linguística, ser pesquisador e contribuir com princípios importantes para as ciências no século XX – esta seria uma parte “não-essencial” do autor Noam Chomsky.

Embora não se possa dizer que isso configura um propósito claro do prefaciador, seu texto produz o efeito de silenciar o papel do Chomsky linguista. Na seguinte passagem vemos que, de todos os temas destacados por Anthony Arnove como “melhores trabalhos” de Chomsky, nenhum se relaciona com o campo de suas pesquisas linguísticas:

In these early essays, we see Chomsky developing the basic themes of his best work: rigorously detailed analyses of U.S. planning documents, declassified records, official statements, and hard-to find sources; merciless critique of liberals, establishment intellectuals, and media commentators who provided a cover for U.S. imperialism; and an analysis that showed that the war in Vietnam was not the result of “mistakes,” “honest misunderstanding,” “attempts to do good gone awry,” or of incompetent officials who could just be replaced by better ones. (CHOMSKY, 2008, pp. viii-ix, grifo nosso).

Enfim, ao silenciar a importância do Noam Chomsky escritor da linguística, o prefácio de *The Essential Chomsky* cria a imagem de um *autor essencial* em que o “essencial” não é a sua obra linguística, mas sua obra política. Tem-se assim um efeito produzido que aloca as pesquisas linguísticas de Chomsky a um lugar menor, que ocupa um “tempo de trabalho”, de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

“tarefas cotidianas”, de “*while*”, ao passo que o aquilo que merece destaque, o “*best work*” é o que Chomsky desempenha na política, com seus artigos, livros e seu ativismo.

Essa prática do silêncio em torno da figura do Chomsky linguista fica mais evidente em outro exemplo a ser aqui abordado: o livro *Understanding Power: the indispensable Chomsky*. Resultado da compilação e transcrição de discussões e palestras proferidas por Chomsky entre 1989 e 1999, em *Understanding Power* vemos o silêncio total sobre o Chomsky linguista. Organizado por Peter R. Mitchell e John Schoeffel, ambos defensores públicos e críticos políticos da Nova Esquerda nos Estados Unidos, o livro nos traz diversas possibilidades de análise, tanto pelo papel do “autor ativista” que as cenas de entrevistas que deram origem ao livro denotam, como pela abordagem dos organizadores no prefácio: a imagem de um “Chomsky indispensável” que se cria é a do autor da política e não da linguística.

Na introdução de *Understanding Power* temos claramente a imagem do linguista apagada: “This book brings together the work of one of the most remarkable political activists and thinkers of our time” (CHOMSKY, 2002, p. xi, grifo nosso). Qualificativos como *thinker* aparecem, mas “pensador” é uma categoria demasiado genérica e qualquer traço da trajetória linguística de Chomsky fica silenciado.

Dessa forma, o interessante desse exemplo do livro *Understanding Power* para pensarmos como o silêncio funciona na criação da imagem de um determinado autor Noam Chomsky é que não há sequer uma menção aos trabalhos linguísticos de Chomsky, nem uma citação superficial. Pode-se argumentar que o indivíduo que busca um livro intitulado “*Understanding power*” não esteja totalmente interessado em pesquisar sobre “linguagem e mente” ou “gramática gerativa”. Porém, ao lançar mão do subtítulo “*the indispensable Chomsky*”, os editores desse livro estão necessariamente criando um campo de sentido que posiciona o *Chomsky político* como mais importante, posto que *indispensável*, e desvaloriza o *Chomsky linguista*: “Chomsky’s great contribution is his mastery of a huge wealth of factual information, and his uncanny skill at unmasking, in case after case, the workings and deceptions of powerful institutions in today’s world” (CHOMSKY, 2002, p. xi, grifo nosso).

Dentre as inúmeras passagens possíveis de seleção do livro *Understanding Power* para melhor ilustrar nosso propósito de análise sobre o silêncio, cabe citar uma do próprio



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Chomsky. Em um colóquio sobre mídia e política em meados de 1990 na cidade de Fort Collins, no Colorado, a resposta de Chomsky à pergunta de um ouvinte a respeito da necessidade de alta qualificação, técnica e acadêmica, para se falar em público sobre questões internacionais é bem ilustrativa quanto à separação estanque das duas faces desse mesmo autor:

You think I was invited here because people know me as a linguist? Okay, if *that* was the reason, then it was a bad mistake. But *there are plenty of other linguists around, and they aren't getting invited to places like this* – so I don't really think that can be the reason. I assumed that the reason is that these are topics that *I've written a lot about, and I've spoken a lot about, and I've demonstrated a lot about, and I've gone to jail about, and so on and so forth* – I assumed that's the reason. If it's not, well, then it's a bad mistake. *If anybody thinks that you should listen to me because I'm a professor at M.I.T., that's nonsense.* (CHOMSKY, 2002, p. 138, grifo nosso).

Vemos nessa passagem que a própria construção do discurso de Chomsky segue no sentido de silenciar o linguista, de dizer que não é o linguista que fala, mas o ativista político. Como ele salienta, linguistas existem muitos, porém eles não são convidados a ocupar aquele lugar da fala. Além disso, ele não deve ser ouvido porque é um professor do M.I.T. (o que representa o autor *Chomsky linguista*), mas porque em se tratando de suas convicções políticas ele “escreveu bastante”, “discursou”, “demonstrou” e até “foi preso”. A sua imagem de ativista político é construída em consonância com a sua vida, por suas posturas libertárias. Ele é uma figura pública, diferente de outros intelectuais e outros linguistas do *métier* acadêmico.

Podemos dizer que o Noam Chomsky do M.I.T. ocupa um posto no campo da ciência norte-americana e suas teorias linguísticas contribuíram inclusive com o desenvolvimento de estudos secretos para projetos militares do governo dos EUA; porém, o Chomsky que critica as razões de Estado e seus abusos e violações de direitos humanos, que expõe os interesses econômicos que permeiam os meios de comunicação, o anarquista líder de um movimento antimilitarista e que escreve “extensamente sobre os problemas da época” está inserido num campo totalmente distinto. É esse problema que precisa sempre ser resolvido quando se edita um livro com textos exclusivamente políticos de Chomsky como *Understanding Power*.

Diante disso, tem-se o intuito de mostrar como o silêncio sobre o papel do linguista revela que há uma disputa em torno do autor Noam Chomsky, que suas duas facetas entram



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

em conflito nos campos que trabalham e gerem a sua imagem num meio editorial específico. Pois há uma produção de sentido que envolve ambos os livros abordados acima por meio do que não é dito, do que é silenciado: o *Chomsky indispensável*, o *Chomsky essencial* não é o linguista, mas o ativista político.

Se se considerar o papel editorial na política do silêncio, entende-se melhor o fato de o autor “Chomsky linguista” ser preterido em favor do autor “Chomsky ativista político” em ambos os exemplos aqui analisados, no livro *The Essential Chomsky* e no livro *Understanding Power*. A editora que os publicou, a *The New Press*, é uma instituição sem fins lucrativos que lida com a publicação de livros principalmente na área de política, direitos humanos, crítica social e outras áreas correlatas. Como está caracterizado na descrição do sítio eletrônico da editora: “The New Press publishes books that promote and enrich public discussion and understanding of the issues vital to our democracy and to a more equitable world”<sup>3</sup>.

A *The New Press* propõe uma relação com o público pautada em valores de um “mundo mais igualitário”, com o seguinte objetivo: “to address the problems of a society in transition”<sup>4</sup>. E, nesse sentido, as contribuições teóricas de Chomsky para a linguística não assumem, pelos propósitos da editora, um papel de relevância. Ao mesmo tempo em que publicou diversos livros de e sobre os trabalhos políticos de Noam Chomsky, a *The New Press* não editou nenhum deles exclusivamente com seus trabalhos linguísticos. Embora tenha publicado um livro de Chomsky intitulado *On Language*, nele o problema da linguagem ocupa um plano secundário, como subsidiária da responsabilidade intelectual na transformação do mundo, ao que o próprio conteúdo propõe: *language and responsibility*. Destarte, vemos que o silêncio sobre o papel da linguística na construção da imagem de Noam Chomsky é permeado pelas necessidades próprias de um campo editorial.

Dessa política do silêncio, desse silêncio constitutivo, que põe em circulação certos sentidos e apaga outros indesejados, podemos concluir: ao dizer que o *Chomsky indispensável* é o que contribui para a interpretação do poder, da atuação política no mundo, automaticamente exclui-se a possibilidade de o linguista ocupar o mesmo patamar de importância.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://thenewpress.com/about/about-new-press>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

<sup>4</sup> Idem.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Até aqui nos concentramos sobre o apagamento da imagem do Noam Chomsky linguista em alguns de seus textos, principalmente devido ao meio em que se inscrevem seus livros de política. Por outro lado, cabe também salientar que é possível analisar esse silêncio constitutivo no sentido contrário, ou seja, através de alguns exemplos que ilustram o apagamento do autor *Chomsky político* dos livros de linguística.

Características desse duplo Chomsky são “esquecidas” quando analisamos alguns livros editados com seus textos do campo da linguística. Vemos isso, por exemplo, no livro *Chomsky: Selected Readings*. Há uma ausência total de uma das faces de Chomsky: a menção aos trabalhos e à atuação política de Chomsky, ainda que simplesmente para efeito biográfico, não aparece. Mas a função do silêncio se entende nesse caso pelas regras próprias do campo que aceita a circulação de determinados textos, como o *Chomsky: Selected Readings* – uma coleção de estudos sobre linguagem da Editora da Universidade de Oxford, onde é a imagem do Chomsky linguista, que revolucionou as ciências da linguagem, que realmente importa.

Assim, é possível notar que no *Selected Readings*, a “leitura selecionada” que se faz da obra de Noam Chomsky exclui o *Chomsky político*. Ademais, em diversos prefácios e paratextos em geral de seus livros com temática específica de linguística, considerando também as compilações de livros semelhantes, a imagem do “Chomsky ativista político” geralmente não é mobilizada, ou seja, dentre os recursos constitutivos do funcionamento da autoria na construção da imagem de autor pelos prefaciadores, vemos na maioria das obras de linguística o silêncio sobre esse traço característico de Chomsky que é o autor da crítica política. Nesses casos, a imagem que se constrói de Chomsky apresenta somente uma face: a do linguista-cientista.

Podemos tomar ainda outro exemplo: o sítio oficial do Massachusetts Institute of Technology. No que tange ao corpo de professores lá cadastrados e listados para consulta, temos um campo específico sobre Noam Chomsky<sup>5</sup> que ilustra o silêncio constitutivo: não há qualquer menção aos trabalhos políticos de Chomsky. E o que mais chama a atenção é constar campos como *linguistic articles* e *linguistic books*. Nesses *links* podemos consultar uma lista com toda a obra de Chomsky no campo da linguística. E o importante aqui é notar que, ao

---

<sup>5</sup> Cf. <<http://web.mit.edu/linguistics/people/faculty/chomsky/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

restringir os artigos e livros ao campo *linguistic*, apaga-se necessariamente a possibilidade de se falar do *Chomsky político*.

A partir disso podemos dizer que o Chomsky escritor da política não cabe no M.I.T.; o impacto de seus livros contra o imperialismo estadunidense constitui um problema para uma instituição de tal nível (a maior produtora de pesquisas em engenharia e um dos símbolos do poder tecnológico do império americano no mundo), e verbetes com os livros do ativismo político do *Chomsky anarquista*, do *Chomsky anti-imperialista*, não podem circular em tópicos informativos no seu sítio eletrônico dessa instituição de ensino.

Mobilizar, assim, apenas traços do Chomsky linguista é situar a discussão em um campo que não tem necessidade de dialogar com a política e se preocupa em posicionar seus temas em vista das exigências de um discurso científico da linguística. Tomando o mesmo exemplo do *Chomsky: Selected Readings*, quando se opta por compilar textos teóricos paradigmáticos de Noam Chomsky, vemos, então, que em alguns prefácios a imagem do “Chomsky linguista” não necessita do “Chomsky ativista político” para se sustentar. Ou seja, é por isso que nas edições, nos prefácios de certas obras de linguística, o ativista *deve* ser apagado. É como se o cientista do M.I.T. e o ativista político fossem duas margens de um rio: imagens opostas, antípodas e não apenas desconexas. Por não ter como esconder uma ou outra, posto que imagens muito fortes e de circulação amplamente conhecida do público, há a tentativa de separar ambas imagens por meio do silêncio.

Com isso, buscamos mostrar no presente trabalho que a construção da imagem de um duplo autor Noam Chomsky não acontece ao acaso – ela é dirigida. E isso se dá conforme uma política do silêncio que permeia o campo onde circulam seus textos, a qual produz efeitos de sentido mediante o que é dito e silenciado sobre o Chomsky da linguística ou da política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, Noam. *Chomsky: Selected Readings* (edited by J. P. B. Allen and Paul Van Buren). London: Oxford University Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *Understanding Power: The Indispensable Chomsky* (edited by Peter R. Mitchell and John Schoeffel). New York: The New Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *On language*. New York: The New Press, 2007.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

\_\_\_\_\_. *The Essential Chomsky* (edited by Anthony Arnove). New York: The New Press, 2008.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* – 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 23.

SOUSA, Lucília M. A. O silêncio existe para poder (não) dizer. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Campinas: Pontes editores, 2015.

The New Press. Disponível em: <<http://thenewpress.com/about/about-new-press>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Verbete do professor Noam Chomsky no Massachusetts Institute of Technology (M.I.T.). Disponível em: <<http://web.mit.edu/linguistics/people/faculty/chomsky/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.